



# A Santa Sé

---

VISITA PASTORAL  
DE SUA SANTIDADE BENTO XVI  
A VERONA POR OCASIÃO DO  
IV CONGRESSO NACIONAL DA IGREJA ITALIANA

**DISCURSO DO SANTO PADRE  
AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO**

*Feira de Verona*

*Quinta-feira, 19 de Outubro de 2006*

*Queridos irmãos e irmãs*

Estou feliz por me encontrar convosco hoje, nesta bonita e histórica cidade de Verona, para participar activamente no IV Congresso nacional da Igreja na Itália. Transmito a todos vós e a cada um a mais cordial saudação no Senhor. Agradeço ao Cardeal Camillo Ruini, Presidente da Conferência Episcopal, e à Doutora Giovanna Ghirlanda, representante da Diocese de Verona, as amáveis palavras de boas-vindas que me dirigiram em nome de todos vós e as notícias que me deram acerca do desenvolvimento do Congresso. Agradeço ao Cardeal Dionigi Tettamanzi, Presidente da Comissão preparatória, e a quantos trabalharam pela sua realização. Agradeço de coração a cada um de vós, que aqui representais, em feliz harmonia, os vários componentes da Igreja na Itália: o Bispo de Verona, D. Flávio Roberto Carraro, que nos hospeda, os Bispos aqui reunidos, os sacerdotes e os diáconos, os religiosos e as religiosas, e vós fiéis leigos, homens e mulheres, que dais voz às múltiplas realidades do laicado católico na Itália.

Este IV Congresso nacional é uma nova etapa do caminho de actuação do Vaticano II, que a Igreja italiana empreendeu desde os anos imediatamente seguintes ao grande Concílio: um caminho de comunhão, antes de tudo com Deus Pai e com o seu Filho Jesus Cristo no Espírito Santo, e portanto em comunhão entre nós, na unidade do único Corpo de Cristo (cf. 1 Jo 1, 3; 1 Cor 12, 12-13); um caminho orientado para a evangelização, para conservar viva e sólida a fé no

povo italiano; portanto, um testemunho tenaz de amor pela Itália e de solicitude diligente pelo bem dos seus filhos. A Igreja na Itália percorreu este caminho em estreita e constante união com o Sucessor de Pedro: é-me grato recordar convosco os Servos de Deus Paulo VI, que quis o I Congresso no já longínquo ano de 1976, e João Paulo II, com as suas intervenções fundamentais recordamo-nos de todas elas nos Congressos de Loreto e de Palermo, que fortaleceram na Igreja italiana a confiança de poder trabalhar a fim de que a fé em Jesus Cristo continue a oferecer, também aos homens e às mulheres do nosso tempo, o sentido e a orientação da existência, e assim tenha "um papel-guia e uma eficácia que atraia" no caminho da Nação rumo ao futuro (cf. *Discurso no Congresso de Loreto*, 11 de abril de 1985, n. 7).

Foi no mesmo espírito que hoje vim a Verona, para rezar ao Senhor juntamente convosco, compartilhar mesmo brevemente o vosso trabalho destes dias e propor-vos uma minha reflexão sobre aquilo que parece verdadeiramente importante para a presença cristã na Itália. Fizestes uma escolha muito feliz, pondo Cristo ressuscitado no centro da atenção do Congresso e de toda a vida e do testemunho da Igreja na Itália. A ressurreição de Cristo é um facto que se verificou na história, de que os Apóstolos foram testemunhas e certamente não criadores. Ao mesmo tempo, ela não é de modo algum um simples retorno à nossa vida terrena; é, a contrário, a maior "mudança" jamais ocorrida, o "salto" decisivo rumo a uma dimensão de vida profundamente nova, o ingresso numa ordem decididamente diferente, que diz respeito sobretudo a Jesus de Nazaré, mas com Ele também a nós, a toda a família humana, à história e a todo o universo: por isso, a ressurreição de Cristo é o centro da pregação e do testemunho cristão, desde o início e até ao fim dos tempos.

Sem dúvida, trata-se de um grande mistério, do mistério da nossa salvação, que na ressurreição do Verbo encarnado encontra o seu cumprimento e, ao mesmo tempo, a antecipação e o penhor da nossa esperança. Mas a chave de leitura deste mistério é o amor e somente na lógica do amor ele pode ser aproximado e de certo modo compreendido: Jesus Cristo ressuscita dos mortos porque todo o seu ser é perfeita e íntima união com Deus, que é amor verdadeiramente mais forte do que a morte. Ele era um só com a Vida indestrutível e portanto podia dar a própria vida deixando-se matar, mas não podia sucumbir definitivamente à morte: de modo concreto, na última Ceia Ele antecipou e aceitou por amor a própria morte na cruz, transformando-a assim no dom de si, aquele dom que nos dá a vida, nos liberta e salva. Por conseguinte, a sua ressurreição foi como que uma explosão de luz, uma explosão do amor que desata as cadeias do pecado e da morte. Ela inaugurou uma nova dimensão da vida e da realidade, da qual sobressai um mundo novo, que penetra continuamente no nosso mundo, o transforma e o atrai a si.

Tudo isto acontece concretamente através da vida e do testemunho da Igreja; aliás, a própria Igreja constitui a primícia desta transformação, que é obra de Deus e não nossa. Ela chega até nós mediante a fé e o sacramento do Baptismo, que é realmente morte e ressurreição, renascimento, transformação numa vida nova. É aquilo que releva São Paulo na Carta aos Gálatas: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (2, 20). Assim mudou a minha

identidade essencial, através do Baptismo, e eu continuo a existir somente nesta mudança. Sou privado do meu próprio eu, que é inserido num novo sujeito maior, em que o meu eu existe novamente, mas transformado, purificado, "aberto" mediante a inserção no outro, em quem adquire o seu novo espaço de existência. Assim, tornamo-nos "um só em Cristo" (*Gl* 3, 28), um único sujeito novo, e o nosso eu é libertado do seu isolamento. "Eu, mas já não eu": esta é a fórmula da existência cristã fundada no Baptismo, a fórmula da ressurreição dentro do tempo, a fórmula da "novidade" cristã chamada a transformar o mundo. Aqui está a nossa alegria pascal. A nossa vocação e a nossa tarefa de cristãos consistem em cooperar para que chegue ao cumprimento efectivo, na realidade quotidiana da nossa vida, aquilo que o Espírito Santo empreendeu em nós com o Baptismo: com efeito, somos chamados a tornar-nos homens e mulheres novos, para podermos ser verdadeiras testemunhas do Ressuscitado e, deste modo, portadores da glória e da esperança cristã no mundo, concretamente naquela comunidade de homens e de mulheres em cujo contexto vivemos. E assim, desta mensagem fundamental da Ressurreição, presente em nós e nas acções quotidianas, chego ao tema do serviço da Igreja na Itália à Nação, à Europa e ao mundo.

A Itália de hoje apresenta-se-nos como um terreno profundamente necessitado e, ao mesmo tempo, favorável para tal testemunho. Profundamente necessitado, porque participa daquela cultura que predomina no Ocidente e que gostaria de apresentar-se como universal e auto-suficiente, gerando um novo estilo de vida. Daqui deriva uma nova onda de iluminismo e de laicismo, para a qual só seria racionalmente válido aquilo que é experimentável e calculável, enquanto no plano da prática a liberdade individual é erigida em valor fundamental ao qual todos os outros deveriam sujeitar-se. Assim Deus permanece excluído da cultura e da vida pública, e a fé nele torna-se mais difícil, também porque vivemos num mundo que se apresenta quase sempre como nossa obra, onde, por assim dizer, Deus já não aparece directamente e parece ter-se tornado supérfluo, aliás alheio. Em estreita relação com tudo isto, tem lugar uma redução radical do homem, considerado um simples produto da natureza, como tal não realmente livre e por si só susceptível de ser tratado como qualquer outro animal. Verifica-se assim uma autêntica inversão do ponto de partida desta cultura, que era uma reivindicação da centralidade do homem e da sua liberdade. Nesta mesma linha, a ética é reconduzida até aos confins do relativismo e do utilitarismo, com a exclusão de todo o princípio moral que seja válido e vinculante por si mesmo. Não é difícil ver como este tipo de cultura representa uma ruptura radical e profunda não só com o cristianismo, mas de modo mais geral com as tradições religiosas e morais da humanidade: portanto, não é capaz de instaurar um verdadeiro diálogo com as demais culturas, nas quais a dimensão religiosa está fortemente presente, além de não poder responder às interrogações fundamentais sobre o sentido e a direcção da nossa vida. Por isso, esta cultura caracteriza-se por uma profunda carência, mas também por uma grande e inutilmente escondida necessidade de esperança.

Porém, como eu dizia, a Itália constitui ao mesmo tempo um terreno muito favorável para o testemunho cristão. Com efeito, aqui a Igreja é uma realidade muito viva e vêmo-lo! que conserva

uma presença profunda no meio das pessoas de todas as idades e condições. As tradições cristãs ainda estão com frequência arraigadas e continuam a dar fruto, enquanto está em acto um grande esforço de evangelização e catequese, dirigido em particular às novas gerações, mas hoje cada vez mais às famílias. Além disso, sente-se com crescente clareza a insuficiência de uma racionalidade fechada em si mesma e de uma ética demasiado individualista: de forma concreta, sente-se a gravidade do risco de se desapegar das raízes cristãs da nossa civilização. Esta sensação, que está difundida no povo italiano, é formulada expressamente e com vigor por parte de muitos e importantes homens de cultura, também entre aqueles que não compartilham ou pelo menos não praticam a nossa fé. Por conseguinte, a Igreja e os católicos italianos são chamados a aproveitar esta grande oportunidade e em primeiro lugar a estar conscientes da mesma. Portanto, a nossa atitude nunca deverá ser a de um fechamento renunciatório em nós mesmos: pelo contrário, é necessário manter vivo e, se possível, incrementar o nosso dinamismo; é preciso abrir-se com confiança a novas relações, sem descuidar qualquer das energias que podem contribuir para o crescimento cultural e moral da Itália. Efectivamente, cabe-nos a nós não com os nossos pobres recursos, mas com a força que vem do Espírito Santo dar respostas positivas e convincentes às expectativas e às interrogações do nosso povo: se soubermos fazê-lo, a Igreja na Itália prestará um grande serviço não somente a esta Nação, mas também à Europa e ao mundo, porque a insídia do secularismo está presente em toda a parte e é igualmente universal a necessidade de uma fé vivida em relação aos desafios do nosso tempo.

Amados irmãos e irmãs, agora devemos perguntar-nos como, e com que base, cumprir esta tarefa. Neste Congresso julgastes, justamente, que é indispensável dar ao testemunho cristão conteúdos concretos e praticáveis, examinando como ela pode actuar-se e desenvolver-se em cada um destes grandes âmbitos em que se desenrola a experiência humana. Assim, seremos ajudados a não perder de vista na nossa acção pastoral a ligação entre a fé e a vida quotidiana, entre a proposta do Evangelho e aquelas preocupações e aspirações que estão mais a peito das pessoas. Por isso, nestes dias reflectistes sobre a vida afectiva e a família, sobre o trabalho e a festa, sobre a educação e a cultura, sobre as condições de pobreza e de enfermidade, sobre os deveres e as responsabilidades da vida social e política.

Quanto a mim, gostaria de sublinhar como, através deste testemunho multiforme, deve emergir sobretudo aquele grande "sim" que em Jesus Cristo Deus deu ao homem e à sua vida, ao amor humano, à nossa liberdade e à nossa inteligência; como, portanto, a fé em Deus com rosto humano traga alegria ao mundo. De facto, o cristianismo está aberto a tudo aquilo que de justo, verdadeiro e puro existe nas culturas e nas civilizações, àquilo que alegra, consola e fortalece a nossa existência. Na Carta aos Filipenses, São Paulo escreveu: "Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é respeitável, tudo o que possa ser virtude e mereça louvor, tende tudo isto em mente" (4, 8). Portanto, os discípulos de Cristo reconhecem e acolhem de bom grado os autênticos valores da cultura do nosso tempo, como o conhecimento científico e o desenvolvimento tecnológico, os direitos do homem, a liberdade religiosa e a democracia. Porém, não ignoram nem subestimam a perigosa

fragilidade da natureza humana, que é uma ameaça para o caminho do homem em todos os contextos históricos; em particular, não descuidam as tensões interiores nem as contradições da nossa época. Por isso, a obra de evangelização nunca é uma simples adaptação às culturas, mas constitui sempre também uma purificação, uma ruptura corajosa que se torna amadurecimento e purificação, uma abertura que permite o nascimento daquela "nova criação" (2 Cor 5, 17; Gl 6, 15), que é o fruto do Espírito Santo.

Como escrevi na Encíclica *Deus caritas est*, no início do ser cristão e portanto na origem do nosso testemunho de crentes não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com a Pessoa de Jesus Cristo, "que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo" (n. 1).

A fecundidade deste encontro manifesta-se, de maneira peculiar e criativa, em primeiro lugar em relação à razão que deu vida às ciências modernas e às relativas tecnologias. Com efeito, uma característica fundamental destas últimas é o recurso sistemático aos instrumentos da matemática para poder actuar com a natureza e pôr ao nosso serviço as suas imensas energias. A matemática como tal é uma criação da nossa inteligência: a correspondência entre as suas estruturas e as estruturas reais do universo que é o pressuposto de todos os modernos desenvolvimentos científicos tecnológicos, já expressamente formulados por Galileu Galilei com a célebre afirmação que o livro da natureza está escrito em linguagem matemática suscita a nossa admiração e levanta uma grande interrogação. De facto, implica que o próprio universo seja estruturado de maneira inteligente, de modo que exista uma profunda correspondência entre a nossa razão subjectiva e a razão objectivada na natureza. Então, torna-se inevitável perguntar se não deve existir uma única inteligência originária, que é a fonte comum de uma e da outra. Assim, precisamente a reflexão sobre o desenvolvimento das ciências conduz-nos rumo ao Logos criador. Inverte-se a tendência a dar o primado ao irracional, ao acaso e à necessidade, a orientar para ele também a nossa inteligência e a nossa liberdade. Com estas bases torna-se também de novo possível ampliar os espaços da nossa racionalidade, reabri-la às grandes questões da verdade e do bem, unir entre si a teologia, a filosofia e as ciências, no pleno respeito pelos seus próprios métodos e pela sua autonomia recíproca, mas também na consciência da unidade intrínseca que as conserva unidas.

Trata-se de uma tarefa que está à nossa frente, de uma aventura fascinante em que vale a pena comprometer-se, para dar um novo impulso à cultura do nosso tempo e para restituir nela a plena cidadania à fé cristã. Em vista desta finalidade, o "projecto cultural" da Igreja na Itália, é sem dúvida, uma feliz intuição e uma contribuição muito importante.

A pessoa humana não é, por outro lado, somente razão e inteligência, que todavia são os seus elementos constitutivos. Ela traz dentro de si, inscrita no mais profundo do seu ser, a necessidade de amor, de ser amada e, por sua vez, de amar. Por isso, interroga-se e muitas vezes confunde-se diante das tribulações da vida, do mal que existe no mundo e que parece tão forte e, ao

mesmo tempo, radicalmente sem sentido. Em particular na nossa época, apesar de todos os progressos alcançados, o mal não está de modo algum derrotado; ao contrário, o seu poder parece revigorar-se, e todas as tentativas de o esconder são depressa desmascaradas, como demonstram tanto a experiência quotidiana como as grandes vicissitudes históricas. Portanto, volta com insistência a pergunta se na nossa vida pode existir um espaço seguro para o amor autêntico e, em última análise, se o mundo é verdadeiramente a obra da sabedoria de Deus. Aqui, muito mais do que qualquer raciocínio humano, somos socorridos pela extraordinária novidade da revelação bíblica: o Criador do céu e da terra, o único Deus que é a fonte de todo o ser, este único "Logos" criador, esta razão criadora sabe amar pessoalmente o homem; aliás, ama-o de maneira apaixonada e, por sua vez, quer ser amado. Por isso esta razão criadora, que é ao mesmo tempo amor, dá vida a uma história de amor com Israel, o seu povo, e nesta vicissitude, diante das traições do povo, o seu amor mostra-se rico de fidelidade e misericórdia inesgotáveis, é o amor que perdoa para além de todo o limite. Em Jesus Cristo, tal atitude alcança a sua forma extrema, inaudita e dramática: com efeito, nele Deus faz-se um de nós, nosso irmão em humanidade, e chega mesmo a sacrificar a sua vida por nós. Portanto, na morte na cruz aparentemente, o maior mal da história cumpre-se "aquele virar-se de Deus contra si próprio, com o qual Ele se entrega para levantar o homem e salvá-lo o amor na sua forma mais radical", em que se manifesta o que significa que "Deus é amor" (1 Jo 4, 8) e compreende-se também como deve definir-se o amor autêntico (cf. *Deus caritas est*, nn. 9-10 e 12).

Precisamente porque nos ama de verdade, Deus respeita e salva a nossa liberdade. Ao poder do mal e do pecado não opõe um poder maior mas como nos disse o nosso amado Papa João Paulo II, na Encíclica *Dives in misericordia* e, por último, no livro Memória e Identidade, o seu testamento espiritual prefere pôr o limite da sua paciência e da sua misericórdia, aquele limite que é, de modo concreto, o sofrimento do Filho de Deus. Assim, também o nosso sofrimento é transformado a partir de dentro, é introduzido na dimensão do amor e encerra uma promessa de salvação.

Estimados irmãos e irmãs, em tudo isto João Paulo II não só pensou e nem sequer só acreditou com uma fé abstracta: ele compreendeu-o e viveu-o com uma fé amadurecida no sofrimento. Ao longo deste caminho, como Igreja, somos chamados a segui-lo no mundo e na medida que Deus dispõe para cada um de nós. Justamente, a cruz assusta-nos, como causou medo e angústia a Jesus Cristo (cf. *Mc* 14, 33-36): porém, ela não é negação da vida, da qual para ser fiel é necessário libertar-se. Ao contrário, é o "sim" extremo de Deus ao homem, a expressão suprema do seu amor e a nascente da vida plena e perfeita: por conseguinte, contém o convite mais convincente a seguir Cristo pelo caminho do dom de si. Aqui, é-me grato dirigir um pensamento de especial afecto aos membros sofredores do corpo do Senhor: tanto na Itália como em toda a parte no mundo, eles completam na sua carne aquilo que falta aos padecimentos de Cristo (cf. *Ci* 1, 24) e assim contribuem da maneira mais eficaz para a salvação de todos. Eles são as testemunhas mais convincentes daquela alegria que provém de Deus e que incute a força de aceitar a cruz no amor e na perseverança.

Sabemos bem que esta opção da fé e do seguimento de Cristo nunca é fácil: ao contrário, é sempre contrastada e controversa. Portanto, a Igreja permanece como "sinal de contradição", no sulco do seu Mestre (cf. *Lc 2, 34*), também no nosso tempo. Mas nem por isso nos desencorajamos. Pelo contrário, devemos estar sempre prontos a responder (apo-logia) a quem quer que nos pergunte a razão (logos) da nossa esperança, como nos convida a fazer a primeira Carta de São Pedro (cf. 3, 15), que muito oportunamente escolheste como guia bíblica para o caminho deste Congresso. Devemos responder "com mansidão e respeito, mantendo limpa a consciência" (3, 16), com aquela força dócil que provém da união com Cristo. Devemos fazê-lo plenamente, nos planos do pensamento e da acção, dos comportamentos pessoais e do testemunho público. A forte unidade que se realizou na Igreja dos primeiros séculos, entre uma fé amiga da inteligência e uma prática de vida caracterizada pelo amor recíproco e pela atenção cuidadosa aos pobres e aos sofredores, tornou possível a primeira grande expansão missionária do cristianismo no mundo helenista-romano. Assim tornou-se também sucessivamente, em vários contextos culturais e situações históricas. Este permanece o caminho principal para a evangelização: o Senhor nos oriente para vivermos esta unidade entre a verdade e o amor nas condições próprias do nosso tempo, para a evangelização da Itália e do mundo de hoje. Assim, chego a um ponto importante e fundamental, ou seja, a educação.

Concretamente, para que a experiência da fé e do amor cristão seja acolhida e vivida, e se transmita de uma geração a outra, uma questão fundamental e decisiva é a da educação da pessoa.

É preciso preocupar-se com a formação da sua inteligência, sem descuidar as da sua liberdade e capacidade de amar. E por isso é necessário o recurso também à ajuda da Graça. Só deste modo poderá contrastar-se eficazmente o risco para a sorte da família humana, que é constituído pelo desequilíbrio entre o crescimento tão rápido do nosso poder técnico e o crescimento muito mais cansativo dos nossos recursos morais. Uma educação verdadeira tem necessidade de despertar a coragem das decisões definitivas, que hoje são consideradas um vínculo que mortifica a nossa liberdade, mas na realidade são indispensáveis para crescer e alcançar algo de grande na vida, em particular para fazer amadurecer o amor em toda a sua beleza: portanto, para dar consistência e significado à própria liberdade. Desta solicitude pela pessoa humana e pela sua formação chegam os nossos "não" a formas frágeis e deturpadas de amor e às falsificações da liberdade, como também a redução da razão somente àquilo que é calculável e manipulável. Na verdade, estes "não" são sobretudo "sim" ao amor autêntico, à realidade do homem como foi criado por Deus.

Quero expressar aqui todo o meu apreço pelo grande trabalho formativo e educativo que as Igrejas individualmente não se cansam de realizar na Itália, pela sua atenção pastoral às novas gerações e às famílias: obrigado por esta atenção! Entre as múltiplas formas deste compromisso não posso deixar de recordar de maneira particular a escola católica, porque no que se lhe refere ainda subsistem, de certo modo, antigos preconceitos que geram atrasos prejudiciais, e não já

justificáveis, ao reconhecer a sua função e permitir concretamente a sua actividade.

Jesus disse-nos que tudo o que fizéssemos aos seus irmãos mais pequeninos, teríamos feito a Ele (cf. *Mt 25, 40*). Por conseguinte, a autenticidade da nossa adesão a Cristo verifica-se especialmente no amor e na solicitude concreta pelos mais fracos e pobres, por aqueles que se encontram em maior perigo e em dificuldades mais graves. A Igreja na Itália tem uma grande tradição de proximidade, de ajuda e de solidariedade para com os necessitados, os enfermos e os marginalizados, que encontra a sua expressão mais alta numa maravilhosa série de "Santos da caridade". Esta tradição continua também hoje e responde às muitas formas de pobreza, morais e materiais, através da Cáritas, do voluntariado social, da obra frequentemente escondida de muitas paróquias, comunidades religiosas, associações e grupos, pessoas individualmente impelidas pelo amor a Cristo e aos irmãos. Além disso, a Igreja na Itália dá prova de uma extraordinária solidariedade para com as inúmeras multidões de pobres da terra. Portanto, é mais importante do que nunca que todos estes testemunhos de caridade conservem sempre alto e luminoso o seu perfil específico, alimentando-se de humildade e de confiança no Senhor, mantendo-se livres de sugestões ideológicas e de simpatias de partido, e sobretudo medindo o próprio olhar segundo o olhar de Cristo: então, a acção prática é importante, mas conta ainda mais a nossa participação pessoal nas necessidades e nos sofrimentos do próximo. Assim, queridos irmãos e irmãs, a caridade da Igreja torna visível o amor de Deus no mundo e assim torna convincente a nossa fé no Deus encarnado, crucificado e ressuscitado.

O vosso Congresso enfrentou justamente também o tema da cidadania, ou seja, as questões das responsabilidades civis e políticas dos católicos. Efectivamente, Cristo veio para salvar o homem real e concreto, que vive na história e na comunidade, e portanto o cristianismo e a Igreja tiveram desde o início uma dimensão e um valor também públicos. Como escrevi na Encíclica *Deus caritas est* (cf. nn. 28-29), aos relacionamentos entre religião e política Jesus Cristo ofereceu uma novidade substancial, que abriu o caminho para um mundo mais humano e mais livre, através da distinção e da autonomia recíproca entre o Estado e a Igreja, entre o que é de César e o que é de Deus (cf. *Mt 22, 21*). A própria liberdade religiosa, que sentimos como um valor universal, particularmente necessário no mundo de hoje, encontra aqui a sua raiz histórica. Portanto, a Igreja não é e não tenciona ser um agente político. Ao mesmo tempo, tem um profundo interesse pelo bem da comunidade política, cuja alma é a justiça, e oferece-lhe a um nível duplo a sua contribuição específica. De facto, a fé cristã purifica a razão e ajuda-a a ser melhor ela mesma: portanto, com a sua doutrina social, argumentada a partir daquilo que é conforme a natureza de cada ser humano, a Igreja contribui para fazer com que aquilo que é justo possa ser eficazmente reconhecido e em seguida também realizado. Com esta finalidade, são claramente indispensáveis as energias morais e espirituais, que permitem antepor as exigências da justiça aos interesses pessoais, ou de uma categoria social, ou até de um Estado: aqui apresenta-se de novo para a Igreja um espaço muito amplo, para arraigar estas energias nas consciências, alimentá-las e fortalecê-las. A tarefa imediata de agir no âmbito político, para construir uma ordem justa na sociedade, não pertence portanto à Igreja como tal, mas aos fiéis leigos, que agem como

cidadãos sob a sua própria responsabilidade: trata-se de uma tarefa da maior importância, à qual os cristãos leigos italianos são chamados a dedicar-se com generosidade e coragem, iluminados pela fé e pelo magistério da Igreja e animados pela caridade de Cristo.

Hoje uma atenção especial e um compromisso extraordinário são exigidos daqueles grandes desafios em que vastas porções da família humana estão em maior perigo: as guerras e o terrorismo, a fome e a sede, e algumas epidemias terríveis. Mas é necessário também enfrentar, com iguais determinação e clareza de intenções, o risco de opções políticas e legislativas que contradizem valores fundamentais e princípios antropológicos e éticos radicados na natureza do ser humano, de modo particular no que se refere à tutela da vida humana em todas as suas fases, desde a concepção até à morte natural, e à promoção da família fundada no matrimónio, evitando introduzir no ordenamento público outras formas de união que contribuiriam para a desestabilizar, obscurecendo o seu carácter peculiar e o seu papel social insubstituível. O testemunho aberto e corajoso que a Igreja e os católicos italianos deram e estão a dar a este respeito constituem um serviço precioso à Itália, útil e estimulante também para muitas outras nações. Sem dúvida, este compromisso e este testemunho fazem parte daquele grande "sim" que, como crentes em Cristo, dizemos ao homem amado por Deus.

Amados irmãos e irmãs, as tarefas e as responsabilidades que este Congresso eclesial põe em evidência são, certamente, grandes e múltiplas. Por isso, somos estimulados a ter sempre presente o facto de que não carregamos o seu peso sozinhos: com efeito, sustentamo-nos uns aos outros e sobretudo é o próprio Senhor que nos orienta e sustém a frágil barca da Igreja. Assim, voltamos ao ponto de onde partimos: decisivo é o nosso estar unidos a Ele, e portanto entre nós, o estar com Ele para poder partir no seu nome (cf. *Mc* 3, 13-15). Por conseguinte, a nossa verdadeira força é alimentar-nos da sua palavra e do seu corpo, unir-nos à sua oferta por nós, como faremos na Celebração desta tarde, adorá-lo presente na Eucaristia: efectivamente, antes de qualquer actividade e de cada um dos nossos programas deve haver a adoração, que nos torna verdadeiramente livres e nos oferece os critérios para o nosso agir. Na união a Cristo precede-nos e guia-nos a Virgem Maria, tão amada e venerada em todas as regiões da Itália. Nela encontramos, pura e não deformada, a verdadeira essência da Igreja e assim, através dela, aprendemos a conhecer e a amar o mistério da Igreja que vive na história, sentimo-nos até ao fundo como uma parte dela, tornamo-nos por nossa vez "almas eclesiais", aprendemos a resistir àquela "secularização interna" que ameaça a Igreja do nosso tempo, como consequência dos processos de secularização que assinalaram profundamente a civilização europeia.

Dilectos irmãos e irmãs, elevemos juntos ao Senhor a nossa oração, humilde mas repleta de confiança, a fim de que a comunidade católica italiana, inserida na comunhão viva da Igreja de todos os lugares e de todos os tempos, e estreitamente unida em redor dos seus Bispos, traga com renovado impulso a esta amada Nação, e a todos os recantos da terra, o alegre testemunho de Jesus Cristo, esperança da Itália e do mundo.

© Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana